



C A P Í T U L O 3

RACHEL DE QUEIROZ

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

(UFRJ)

marianaepss@gmail.com

APRESENTAÇÃO E DEFINIÇÃO DO TEMA DO VERBETE

O interesse em focalizar a escritora Rachel de Queiroz, no âmbito do verbete em tela, adveio de duas maneiras: por um lado, foi tema anterior de pesquisa da autora; por outro, o objeto de análise se mostra caro ao contexto de elaboração do verbete, qual seja o de um projeto de extensão que busca dar luz e fazer pairar no imaginário social mulheres da imprensa, com ênfase no século XX¹.

Queiroz é referenciada como uma intelectual polígrafa, à luz da definição de Miceli (1979; 2001), segundo o qual, “os anatolianos eram polígrafos porque deviam satisfazer às mais diversas demandas da imprensa e dos políticos (...)” (Miceli, 1979, p. 132). Destarte, o termo polígrafo qualifica uma classe de intelectuais, surgida e característica da primeira metade do século XX, que desempenhava diferentes tarefas ligadas à intelectualidade, com vistas a se associarem a espaços culturais e políticos, em especial, que os possibilitassem produzir e se manterem.

O estudo se trata de pesquisa histórica, de cunho teórico-documental, cujo arcabouço teórico advém, em larga medida, da História Cultural. Espera-se, assim, demonstrar os diversos campos de atuação de Rachel de Queiroz, como forma de justificar sua relevância para esta publicação, assim como a necessidade de fazer seu nome pairar no imaginário social, principalmente, ao se tratar de mulheres na imprensa e na literatura.

¹ Trata-se do *Projeto Mulheres na Imprensa* (PROMIM), do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, coordenado pela professora doutora Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco (Setor Curricular de Inglês), de 2024.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Louvo Rachel, minha amiga, nata e flor de nosso povo. Ninguém tão Brasil quanto ela.

Pois que, com ser do Ceará, tem de todos os Estados, do Rio Grande ao Pará.

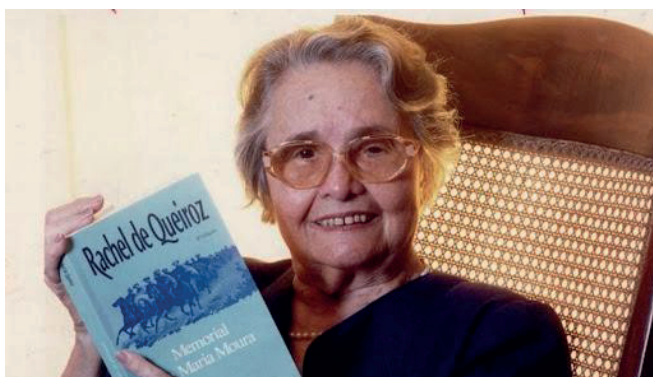
Tão Brasil quero dizer Brasil de toda maneira – brasileira, brasiliense, brasiliana,

brasileira. (Manuel Bandeira, 18.11.1960)

Rachel de Queiroz figura como uma das escritoras da literatura brasileira de maior prestígio, em especial ao se considerar o século XX. Fosse por sua múltipla entrada nos campos intelectual, como escritora, tradutora, cronista ou jornalista, político e, ainda, editorial, Queiroz deixou forte legado para a cultura brasileira, sendo tema de diversos estudos e pesquisas, por exemplo.

As palavras de Manuel Bandeira que compõem a epígrafe deste tópico, traduzem, em grande medida, uma das principais representações que Rachel de Queiroz apresentava ao mundo: a de mulher brasileira que, através das palavras, expressava essa brasilidade. Não à toa, seu primeiro livro publicado, *O Quinze*, de 1930, apresentava cunho regionalista e foi (e ainda é) extremamente celebrado. De fundo social realista, o livro relata o conflito entre homem e natureza, narrando a dura marcha de um retirante e sua família rumo ao Amazonas. Em paralelo, narra a história de uma moça sonhadora que adora ler romances franceses, o que, em muito, trazia de si própria. Assim era a literatura de Queiroz: dura, realista, tocante e com a qual o leitor, por vezes, se identificava.

Figura 1 – Rachel de Queiroz segurando livro autoral



Fonte: Projeto Abelha. Disponível em: <http://projetoabelha.com.br/?p=3799>.

DESENVOLVIMENTO GERAL SOBRE O TEMA

Nordestina, nascida em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará, Rachel de Queiroz não negava suas origens; pelo contrário, escrevia sobre aquilo que vivenciava ou que sabia ser a realidade por lá. Embora seu romance de estreia evidenciasse problemas sociais complexos, a escritora fazia parte de família de razoável condição financeira. Queiroz até tinha, por parte da família materna, parentesco com o escritor José de Alencar. Seu pai, Daniel de Queiroz, trabalhava como juiz de Direito em uma cidade próxima a Fortaleza, Quixadá. Em 1913, voltam a Fortaleza face à nomeação de seu pai para o cargo de promotor. Após um ano no cargo, ele decide lecionar Geografia no Liceu. Com isso, tem a oportunidade de dedicar-se pessoalmente à educação de Rachel de Queiroz e a ensina a ler, cavalgar e a nadar.

Em 1917, Rachel e sua família se mudam para a cidade do Rio de Janeiro, após a grande seca de 1915 assolar a região em que viviam. Pouco tempo depois, no mesmo ano, se mudam para Belém do Pará e, em 1919, retornam ao Ceará (Fontes, 2012). É válido ressaltar que Rachel, até então, ainda não havia frequentado o espaço de educação formal, fato que incomodava sua avó que, em 1921, a matricula, de forma obrigatória, em um Colégio interno de Freiras, em Fortaleza – o Colégio Imaculada Conceição.

Após sua formatura no Colégio, em 1925, Rachel retorna à fazenda dos pais, em Quixadá. Dedicar-se inteiramente à leitura, orientada por sua mãe, sempre atualizada com lançamento nacionais e estrangeiros, em especial os franceses. O hábito de ler estimula os primeiros escritos. Apesar de sua formação no campo do magistério, a vocação de Rachel de Queiroz era, de fato, para a escrita. Começou a carreira profissional aos 16 anos, como colaboradora na revista *Maracajá*. Na mesma época, iniciou seu trabalho como redatora no jornal *O Ceará*, adotando o pseudônimo de Rita de Queluz, para o qual enviou uma carta ironizando o concurso “Rainha dos Estudantes”, promovido pelo jornal.

Sua vida na imprensa é bastante extensa. A partir de 1944, Rachel passou a participar, frequentemente, como cronista em alguns jornais cariocas, tais como *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Folha Carioca* e *Correio da Manhã*. Em 1944, passa à colaboradora da revista *O Cruzeiro*, onde escreve até 1975. Publica um romance em forma de folhetim intitulado *História de um nome*, no jornal *O Ceará* e organiza a página de literatura do periódico.

Em 1930, Rachel lança seu primeiro romance: *O Quinze*. De maneira breve, o livro busca retratar a grande seca ocorrida em 1915 no Nordeste. A seca teve ampla repercussão na vida dos moradores da região, que, por falta de oportunidades e condições de vida, necessitaram se locomover para outras cidades e/ou estados do país. De maneira romanceada, mas com viés realista, como a autora ressalta em sua

entrevista dada ao Cadernos de Literatura, Rachel de Queiroz intenta demonstrar do que se tratou a seca no Nordeste: “porcos comendo recém-nascidos abandonados, sofrimentos (...). Eu queria fazer um romance mais ‘light’ (...) sem ficar toda hora falando de gente morrendo de fome” (Cadernos de Literatura Brasileira, 1997, p. 23). A história retrata também a vida e as dificuldades enfrentadas por Conceição, a personagem protagonista. Normalista, trabalhava em uma escola, e ajudava nos chamados “campos do concentração” – terminologia utilizada por Rachel para designar os locais onde os prejudicados por conta da seca se recolhiam e recebiam ajuda das mais diversas ordens, como comida e roupa.

Destaque-se que o romance foi publicado por conta própria e custeado por seus pais. A primeira edição, de agosto de 1930, foi publicada com uma tiragem de mil exemplares. Tal fato demonstra parte do capital social (Bourdieu, 2003) que Rachel de Queiroz detinha.

Em decorrência do sucesso de *O Quinze*, Rachel de Queiroz tornou-se nacionalmente conhecida, de modo que, em março de 1931, recebeu, no Rio de Janeiro, o prêmio na categoria Romance da Fundação Graça Aranha, mantida pelo escritor, em companhia de Murilo Mendes na categoria Poesia e Cícero Dias com Pintura. A autora conhece integrantes do Partido Comunista e quando retorna a Fortaleza ajuda a fundar o Partido Comunista Cearense (Cadernos de Literatura Brasileira, 1997). Em 1932, publicou um novo romance, intitulado *João Miguel*, e em 1937, retornou com *Caminho de pedras*. Dois anos depois, conquistou o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira, com o romance *As três Marias*. Em 1950, publicou em folhetins, na revista *O Cruzeiro*, o romance *O galo de ouro* (Academia Brasileira de Letras, s/d).

Cronista emérita, Queiroz publicou mais de duas mil crônicas, cuja seleta propiciou a edição dos seguintes livros: *A donzela e a moura torta*; *100 Crônicas escolhidas*; *O brasileiro perplexo* e *O caçador de tatu*. É autora, outrossim, de duas peças de teatro, *Lampião*, escrita em 1953, e *A Beata Maria do Egito*, de 1958, laureada com o prêmio de teatro do Instituto Nacional do Livro, além de *O padrezinho santo*, peça que escreveu para a televisão. No campo da literatura infantil, escreveu o livro *O menino mágico*, a pedido de Lúcia Benedetti (Academia Brasileira de Letras, s/d).

Rachel de Queiroz também tinha, em certos momentos, ideias consideradas subversivas à época, fato que lhe custou muito no período da ditadura do Estado Novo (1937-1945), tendo suas obras censuradas ao lado de grandes nomes da literatura brasileira, como José Lins do Rego. Queiroz assumia postura politizada e envolvida com a política brasileira, tendo feito parte do Partido Comunista e, mais tarde, do grupo trotskista. Nesse período, então, Rachel de Queiroz se vê carente de fontes de renda, passando a se dedicar a outras atividades, como o jornalismo,

as crônicas e a tradução. No âmbito da tradução, em particular, ela se dedica às obras da *Coleção Menina e Moça*, publicação de seu amigo José Olympio, dentre outras traduções da mesma editora. De fato, José Olympio pode assumir, por muito tempo, a exclusividade no que se refere à publicação dos romances e traduções de Rachel de Queiroz.

Rachel de Queiroz faleceu em 4 de novembro de 2003 – data, que, coincidentemente, marca, também, a sua nomeação junto à Academia Brasileira de Letras, 26 anos antes, em 1977 –, deixando um expressivo legado, em âmbito brasileiro. Sua trajetória é marcada pelo fato de ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ainda que permeada por divergências².

Figura 2 – Rachel de Queiroz no dia da posse na Academia Brasileira de Letras



Fonte: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15313-rachel-de-queiroz-e-a-escrita-regionalista>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nome de rua, praça, parque, bairro, escola, biblioteca e, até, de centro acadêmico, Rachel de Queiroz foi e permanece sendo figura proeminente no campo da literatura brasileira. Seja pela quantidade de produções, pela qualidade da escrita e dos temas percorridos, pelo fato de ter sido a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras ou pela diversidade de espaços sociais e culturais onde atuou, o nome Rachel de Queiroz é destacado e lembrado.

² A esse respeito, conferir Fanini (2009) e Souza (2015).

O verbete buscou, assim, apresentar alguns dos principais elementos da trajetória da escritora, como forma de fazê-la permanecer na memória da Literatura Brasileira. Destacar mulheres consiste em tarefa importante e constante, principalmente considerando o período de atuação de Rachel de Queiroz, no qual o espaço destinado às mulheres era reduzido.

Como se tencionou mostrar, Queiroz atuou em diversos contextos sociais, culturais, editoriais, de modo a deixar seu legado em diferentes esferas. De tradutora à romancista, Rachel de Queiroz deixou seu nome por onde passou, sendo hoje referenciada por sua múltipla atuação.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. Literatura brasileira. Academia Brasileira de Letras.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Rachel de Queiroz. s/d. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=261&sid=115>. Acesso: novembro de 2014.

BEZERRA, Elvia (org.). **Mandacaru**: Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Raquel de Queiroz**. Número 4 – setembro de 1997, 1ª reimpressão. São Paulo: IMS

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e Fardões**: Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

SILVA, Márcia Cabral da. **Educação de Meninas e Moças por meio da Tradução e Edição de Romances Franceses**. Belém, n. 35. p. 149-166, jan./jun. 2011.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos. **O feminino, a formação identitária em *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz (1939)**. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SOBRE A AUTORA

Graduada em Pedagogia (UERJ) e em Letras Português/ Inglês (UFRJ). Mestre e Doutora em Educação (UERJ). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental (CAp/UFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/ CNPq) e do Projeto de Extensão Mulheres na Imprensa (PROMIM). Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Quem escreve a Educação? Manuais didáticos de autoria feminina (1940-1960)” (UERJ).